

RELATÓRIO DE PESQUISA

Aquisição de adjetivos no português brasileiro: um estudo experimental

Fernanda Torrão MONTEIRO 

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Luciana SANCHEZ-MENDES 

Universidade Federal Fluminense (UFF)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne Cavalcante (UFPB)
- Alessandra Del Ré (UNESP)
- Christelle Dodane (U PARIS 3)

AVALIADO POR

- Renata Fonseca da Fonte (Unicap)
- Marlete Diedrich (UPF)

SOBRE OS AUTORES

- Fernanda Torrão Monteiro
Investigação, Metodologia, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição.
- Luciana Sanchez-Mendes
Conceptualização, Análise Formal, Metodologia, Supervisão, Escrita – análise e edição.

DATAS

- Recebido: 28/09/2023
- Aceito: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Monteiro, F. T.; Sanchez-Mendes, L. (2024). Aquisição de adjetivos no português brasileiro: um estudo experimental. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 822-850, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de dados obtidos a partir de um experimento feito com crianças e adultos sobre a aquisição de adjetivos no português brasileiro. O estudo se filia à abordagem da Semântica Formal, em especial à Semântica Escalar a partir do estudo de Kennedy e McNally (2005), que assume uma subdivisão na classe dos adjetivos entre graduáveis e não graduáveis. Ainda, os adjetivos graduáveis se dividem em relativos e absolutos. Tendo por base esses conceitos, a presente pesquisa investigou como acontece a aquisição dos adjetivos pelas crianças, especialmente no que concerne à diferenciação dos relativos e absolutos. Para isso, foi realizado um experimento psicolinguístico com trinta crianças de 3 a 5 anos, falantes de português, baseado no de Syrett et al. (2005) para a aquisição do inglês. A atividade consistia na apresentação de um par de objetos e na demanda “Por favor, me dê o X”, em que X era o adjetivo testado e os objetos eram selecionadas de forma a apresentarem diferentes graus de sua propriedade. Os resultados obtidos foram analisados de forma quantitativa descritiva e qualitativa e apontam para a postulação de um universal semântico. Isso porque os adjetivos graduáveis, na forma positiva, em português brasileiro, têm comportamento igual ao de adjetivos do inglês, ou seja, eles têm a mesma natureza e a mesma estrutura escalar. Percebeu-se que, no caso dos adjetivos relativos testados (“grande” e “comprido”), os participantes analisaram a demanda aplicando uma lógica de comparação implícita, o que era esperado, já que a vagueza inerente desses adjetivos faz com que o parâmetro de

comparação fosse buscado no contexto. Já os adjetivos absolutos testados (“manchado” e “cheio”) apresentaram o mesmo resultado visto no inglês. Uma vez que apresentam um parâmetro definido lexicalmente, levaram a escolhas que apresentam divergência com sua semântica e são explicados por meio da imprecisão. A interpretação desse comportamento se baseia em propriedades pragmáticas, já que se embasa no uso da língua em seu contexto de aplicação regido pelo Princípio de Cooperação entre os falantes, que direcionou a tomada de decisão dos participantes. Portanto, este estudo traz resultados inéditos sobre a aquisição de elementos gramaticais que estão na fronteira dos fenômenos semânticos e pragmáticos, uma área em expansão no Brasil.

ABSTRACT

This work aims to present the analysis of data collected from an experiment carried out with children and adults on the acquisition of adjectives in Brazilian Portuguese. The study joins the Formal Semantics approach, especially Kennedy and McNally's (2005) Scalar Semantics, which assumes a subdivision in the class of adjectives between gradable and non-gradable. Also, Gradable adjectives are divided into relative and absolute. Based on these concepts, this research investigated how children acquire adjectives, especially with regard to the difference of relative and absolute items. For this, a psycholinguistic experiment with Portuguese speakers aged 3 to 5 years old was carried out, based on that of Syrett et al (2005) for the acquisition of English. The activity consisted of presenting a pair of objects and asking “Please, give me the X”, in which X was the tested adjective and the objects were selected in such a way as to present different degrees of their properties. The results obtained were analyzed in a descriptive way and point to the postulation of a semantic universal. This is because gradable adjectives, in the positive form, in Brazilian Portuguese, behave just like English adjectives, that is, they have the same nature and the same scalar structure. It is noticed that, regarding the relative adjectives tested (“large” and “long”), the participants analyzed the demand applying an implicit comparison logic, which was expected, since the inherent vagueness of these adjectives makes the comparison parameter to be sought in the context. The absolute adjectives tested “spotted” and “full”) presented the same result seen in English. Since they present a lexically defined parameter, they lead to choices that differ from their semantics and are explained through imprecision. The interpretation of this behavior

is explained by pragmatics, since it uses language in its context of use and ruled by Cooperative Principles between speakers that seems to have guided the participants' decision-making. Therefore, this study brings new results on the acquisition of grammatical elements that are on the interface between semantics and pragmatics, an expanding area in Brazil..

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição. Adjetivos. Metodologia experimental. Semântica.

PALAVRAS-CHAVE EM OUTRO IDIOMA

Acquisition. Adjectives. Experimental methodology. Semantics.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Neste trabalho, analisamos como as crianças aprendem a semântica dos adjetivos. Para isso, utilizou-se uma teoria linguística que considera uma divisão entre adjetivos graduáveis relativos e absolutos. Essa divisão reflete a diferença entre adjetivos que precisam de uma classe de comparação para terem seu significado avaliado. O exemplo de uma formiga grande, por exemplo, ilustra bem esta propriedade. Essa formiga não é grande em comparação a outras coisas ou animais. Já um copo cheio não tem que ser comparado numa classe de copos para ter seu significado atribuído. Essa diferenciação foi explorada em um experimento com crianças de 3 a 5 anos que buscou investigar se, nessa idade, os pequenos falantes de português já têm conhecimento dessa diferença sutil a partir de tarefas simples. Os resultados mostram que as crianças percebem essa diferenciação e apresentam, no geral, um comportamento semelhante ao dos adultos. Entretanto, em alguns casos, as crianças levaram mais tempo em sua decisão e sentiram a necessidade de explicar sua escolha. Esses resultados são discutidos a partir de teorias do significado que também levam em conta o contexto de uso.

Introdução

O adjetivo é uma classe de palavras presente nos estudos tradicionais de gramática, mas, normalmente, abordada de forma coadjuvante. Isso decorre do fato de que a maioria das gramáticas confere destaque para o estudo dos verbos e dos substantivos em detrimento de conceder um maior espaço para pormenorizar o

estudo dos adjetivos. Isso pode ser consultado em qualquer material tradicional. A título de ilustração, citamos os materiais mais consultados Bechara (2005), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2017).

Por uma perspectiva sintática, que é, inclusive, a mais adotada pelas gramáticas tradicionais citadas acima, os adjetivos podem ser classificados como adjuntos ou como predicativos. Ao serem classificados como adjuntos, o conceito mais simples encontrado nas gramáticas tradicionais é o de que eles são termos que acompanham nomes e verbos, respectivamente. Dentro do grupo dos adjuntos, os adjetivos dividem espaço com os artigos, numerais e advérbios e, mesmo dentre essas classes de palavras, recebem menos destaque do que as demais. Os advérbios, por exemplo, costumam ter um setor de destaque, principalmente semântico, dentro das gramáticas tradicionais, o que não se percebe no caso dos adjetivos. Essa função de adjunto dos adjetivos pode ser ilustrada pela frase: “A blusa vermelha rasgou”.

Já na função de predicativo, o adjetivo aparece como um termo que classifica ou qualifica outro, que pode ser o sujeito ou o complemento do verbo. Dessa forma, costuma estar em outra posição na frase, após um verbo de ligação, como em “A blusa é vermelha”. O que é importante destacar é que, independentemente da sua posição na frase, o adjetivo sempre acompanha um nome, seja como adjunto ou como predicativo. Esse pode ser um dos motivos pelos quais as gramáticas tradicionais (e muitas vezes também as teorias linguísticas) não se dedicam a investigar a contribuição dessa classe de palavras para a formação das sentenças.

Até aqui, percebe-se que tudo o que foi analisado sobre os adjetivos tem um tratamento sintático. Essa é outra crítica que se pode fazer sobre a apresentação das classes gramaticais em geral, mas especialmente sobre os adjetivos: a semântica não é uma abordagem adotada no estudo dessa classe. Essa escolha pode ter relação com a visão de língua adotada pela gramática, e também pela visão linguística mais tradicional que enfoca mais aspectos formais e menos aspectos do significado. No entanto, uma vez que se faz essa predileção, deixa-se de lado a discussão de uma das principais características do adjetivo, que é a indeterminação. Ao estudar o sentido que um adjetivo carrega e sua contribuição para formar uma sentença, é preciso considerar que eles não retêm sentido completo e determinado se não estiverem acompanhados de um substantivo. Temos como exemplo o adjetivo “branco”. O que se entende como branco varia se estamos tratando de dentes, chocolate ou vinho. Em outras palavras, a propriedade de ser branco precisa estar atrelada a propriedade de ser dente, chocolate ou vinho para que o sentido da expressão possa ser plenamente compreendido (exemplo discutido em Quadro Gomes e Sanchez Mendes, 2018, p. 154).

Diferentemente dos materiais tradicionais, existem campos de pesquisa linguística, como a Psicolinguística e a Semântica Formal, que dedicam mais atenção para o estudo dos adjetivos. A Psicolinguística, principalmente no que concerne à forma como as crianças aprendem uma língua e a Semântica Formal, no que diz respeito à contribuição do significado de um item lexical para a construção das condições de verdade de uma sentença.

Esse trabalho se filia a essas abordagens para examinar como se dá a aquisição dos diferentes tipos de adjetivos pelas crianças. Nesse sentido, adotamos uma perspectiva da Psicolinguística para refletir sobre as etapas de aquisição de fenômenos semânticos e pragmáticos. Além disso, adotamos uma metodologia experimental, como é usual em pesquisas nesse campo. Adotamos ainda uma perspectiva

teórica formalista para a investigação do significado. Mais especificamente, enfocamos a diferença entre adjetivos graduáveis relativos e absolutos, que é uma divisão estritamente semântica. Para tanto, a pesquisa foi dividida nas seguintes seções: a seção 1 apresenta o panorama da Semântica Escalar nos estudos dos adjetivos, na qual se discute a contribuição da Semântica Formal; a seção 2, Aspectos Semânticos e Pragmáticos da Aquisição de Linguagem, aborda a contribuição dos estudos sobre a Aquisição da linguagem para esse trabalho; a seção 3 descreve o experimento feito na língua inglesa e, a 4, a pesquisa realizada em língua portuguesa. Por fim, apresentam-se o capítulo 5 com os resultados do experimento, o 6 com a discussão sobre esses resultados e o 7 com as considerações finais.

1. Semântica Escalar nos estudos dos adjetivos

Esta seção apresenta uma perspectiva formal escalar para a investigação dos adjetivos e se baseia em Kennedy e McNally (2005) para apresentar uma divisão para os adjetivos em português de acordo com seu comportamento em diferentes contextos que reflete sua natureza escalar. Em primeiro lugar, os adjetivos podem ser divididos entre graduáveis e não graduáveis. Essa divisão está relacionada com a possibilidade ou não de considerarmos uma gradação da propriedade denotada pelo adjetivo. Por exemplo, o adjetivo “brasileiro”, no sentido de nacionalidade, na frase “João é brasileiro” é um adjetivo não graduável, já que não se pode medir o quanto uma pessoa pode ser brasileira. Do ponto de vista legal, essa característica está totalmente presente ou totalmente ausente. Alguns outros aspectos podem ser observados nesse tipo de adjetivo, como: não há oposto para adjetivos não graduáveis e existe uma impossibilidade de intensificação e de ocorrência em frases comparativas. Dessa forma, não se veem formações, na língua portuguesa, como as dos exemplos a seguir: abaixo:

- (1a) #João é muito brasileiro.
- (1b) # João é mais brasileiro que você.
- (1c) # João é tão brasileiro quanto você.
- (1d) # João é menos brasileiro que você.¹

Já os adjetivos graduáveis são aqueles que denotam uma propriedade semântica que pode ser mensurada em cada contexto analisado. O adjetivo “alta” na frase “Essa mulher é alta” é graduável porque denota um atributo que não é categórico, como no caso de “brasileiro”, mas apresenta uma gradação. Dessa forma, esse adjetivo pode fazer parte de construções com intensificadores e em frases comparativas, além de possuir um oposto, como mostram os exemplos seguintes:

¹ Esses exemplos só podem ser interpretados no sentido de “ter comportamentos de”, como ser brasileiro no sentido de gostar de futebol e feijoadada, por exemplo. No sentido que estamos considerando de “ter a cidadania de”, a interpretação é sempre não graduável. Ou se é ou não se é brasileiro.

- (2a) Marta é muito alta.
- (2b) Marta é mais alta que você.
- (2c) Marta é menos alta que você.
- (2d) Marta é tão alta quanto você.
- (2e) Marta é baixa.

Os adjetivos graduáveis podem ser subdivididos ainda em relativos e absolutos. Os adjetivos relativos são aqueles que dependem de fatores contextuais para terem seu significado plenamente avaliado, como ilustrado no exemplo abaixo.

- (3) O café em Roma é caro.

(KENNEDY, 2007, p.1-2, exemplo adaptado)

Essa afirmação pode ser considerada verdadeira se fizer parte de uma conversa que discute os diferentes preços de café em algumas cidades da Itália. No entanto, não poderia ser considerada verdadeira caso estivesse em comparação o custo do café de Nova York e Roma. É importante notar que o preço do café não mudou, apenas o que é considerado caro sofre interferência de acordo com um parâmetro oferecido contextualmente em cada situação de venda do café. Por esse motivo, classificamos esse adjetivo como relativo, já que é sensível às mudanças contextuais. Uma propriedade semântica encontrada em todos os adjetivos relativos é a vagueza, que está presente sempre que esse tipo de adjetivo é usado em sua forma positiva, ou seja, quando não estão modificados ou em sentenças comparativas.

Essa caracterização pode ser apreendida a partir de algumas propriedades. Uma delas é o Paradoxo de Sorites e a dificuldade de definição de casos limítrofes. No exemplo a seguir, há duas premissas, em (4a) e (4b), que podem ser consideradas verdadeiras. Entretanto, a aplicação sucessiva de (4b) em (4a); como 49,99, 49,98, 49,97 etc.; leva à conclusão falsa em (4c), o que gera o paradoxo.

- (4a) Uma xícara de café de 50 reais é cara (para uma xícara de café).
- (4b) Qualquer xícara de café que custe 1 centavo a menos que uma xícara cara é cara (para uma xícara de café).
- (4c) Portanto, qualquer xícara de café grátis é cara.

(Exemplo retirado e adaptado de KENNEDY, 2007, p. 2)

Da mesma forma, os exemplos mostram que não é fácil determinar em que preço específico teríamos a diferença definitiva entre o caro e o barato. Ou seja, é muito difícil estabelecer um limite preciso que determine que abaixo daquele valor o café é barato e, acima dele, é caro. As propriedades denotadas por esses adjetivos costumam admitir tolerância. Se um indivíduo está disposto a pagar no máximo 10 reais por uma xícara de café talvez não desista se encontrar uma por 10,05, por exemplo.

Embora essa discussão pareça tratar de comportamento humano em suas decisões econômicas, ela está absolutamente embasada na denotação dos adjetivos relativos. Adjetivos vagos nem sempre vão ter informações numéricas como “caro” discutido anteriormente, ou “alto”, por exemplo. Adjetivos como “bonito” ou “inteligente” também apresentam uma denotação vaga no sentido de que possuem casos limítrofes em que é difícil determinar se o adjetivo pode ou não ser empregado. Ou seja, diante de um vestido, um falante pode ficar em dúvidas se se trata de um vestido bonito. Não é um caso tão claro quanto decidir se um indivíduo é legalmente brasileiro (denotação não graduável). Além disso, adjetivos vagos possuem antônimos em que não se aplica a lei do terceiro excluído. Ou seja, é possível dizer um vestido não é bonito, mas também não é feio. Isso é bem diferente de adjetivos não graduáveis: ou um indivíduo é brasileiro ou não é, não há terceira opção.

Por contraste, os adjetivos que não apresentam a propriedade da vagueza são chamados de absolutos. Eles possuem significados fixos independentes do contexto em que estão sendo utilizados. Por exemplo, o adjetivo “manchada” em “Essa blusa está manchada” pode ser utilizado para indicar que a blusa apresenta muitas manchas pequenas ou grandes, ou que tem apenas uma mancha pequena ou grande. A situação não importa para que a propriedade semântica desse adjetivo possa ser interpretada semanticamente, basta que o indivíduo possua um grau “não-zero” da sua propriedade graduável para que a sentença seja verdadeira. Por isso, ele é chamado de adjetivo absoluto de parâmetro mínimo. O parâmetro de um adjetivo absoluto também pode ser o máximo. O adjetivo “cheio”, por exemplo, denota que o indivíduo possui o grau máximo na escala de ocupação.

Essa relação desses adjetivos com seu parâmetro é fornecida por meio de informação lexical. Por esse motivo, pode-se afirmar que adjetivos absolutos não são vagos, pois não possuem parâmetro dependente do contexto. Eles podem apresentar, em certas situações determinadas, alguma tolerância para imprecisão. A imprecisão diz respeito a uma certa flexibilidade no emprego de sentenças que estejam suficientemente próximas da verdade (LASERSON, 1999). Por exemplo, a rigor, o adjetivo “cheio” é absoluto porque pode ser empregado apenas em casos em que o indivíduo apresenta o grau máximo na escala de ocupação. Nesse sentido, do ponto de vista lógico, apenas recipientes que estão preenchidos em sua capacidade máxima poderiam ser avaliados como cheios. Entretanto, sabemos que isso não acontece no uso da língua natural. Há contextos claramente mais tolerantes em que até um dedo a menos de café numa xícara não impediria o uso do adjetivo. Entretanto, há contextos em que essa tolerância não é admitida. Se a medida de um remédio considera um copinho cheio, esse não é um contexto em que menos do que a capacidade máxima seja admitida. Como a variação nesse caso ocorre por conta de diferentes contextos, observamos que as leituras imprecisas são de natureza pragmática. Essa propriedade contrasta com a vagueza dos adjetivos relativos, que é de natureza semântica.

Os resultados do experimento apresentados neste artigo trabalham com a distinção entre os adjetivos e sua relação com os conceitos de vagueza e imprecisão discutidos. Além disso, a discussão desta pesquisa leva em consideração o momento da aquisição da linguagem, tendo em vista que as crianças participantes estão na faixa etária que envolve justamente a aquisição de propriedades semânticas e pragmáticas. A seção seguinte trata desses aspectos na aquisição de língua.

2. Aspectos Semânticos e Pragmáticos da Aquisição de Linguagem

Ao passar pelo processo de aquisição de uma língua, assumimos que a criança desenvolve uma gramática a partir de um dispositivo para a aquisição que é inato e adquire regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que compõem sua gramática (LENNEBERG, 1967; CHOMSKY, 1957). Ainda, durante o período de aquisição, essas habilidades gramaticais são colocadas em uso e ocorre também a aquisição de alguns aspectos pragmáticos.

Embora muitos elementos do uso da língua sejam culturais e acabem se afastando de uma caracterização mais propriamente linguística, há propriedades pragmáticas que são universais e podem ser explicadas por teorias linguísticas (Grice, 1975). Esta seção destaca como acontece a aquisição dos aspectos semânticos e pragmáticos da língua.

Os estudos de aquisição semântica reportados nos manuais se dedicam majoritariamente em descrever o aprendizado do significado dos itens lexicais. Assim, segundo Kail (2012), as crianças começam a aprender o significado dos itens lexicais por subextensão. Isso quer dizer que uma nova palavra, primeiramente, adquire significado apenas dentro de um contexto muito restrito. Por exemplo, uma criança chamaria de “mãe” apenas a sua mãe, achando estranho que qualquer outra pessoa use essa palavra para se referir a outro alguém no mundo. Mais tarde, começa o processo de superextensão, quando uma mesma palavra pode receber diversos referentes. Por exemplo, ao aprender que “cachorro” denota um animal peludo que anda em quatro patas, qualquer animal desse tipo pode passar a ser chamado por esse nome, tal como gatos, ratos, gambás etc.

Dessa forma, durante os anos iniciais da aquisição, por meio do contato com os adultos, é esperado que as crianças sejam estimuladas a criar categorias para os seres do mundo por meio desses mecanismos, o que acontece, majoritariamente, com a aquisição de substantivos. Os adjetivos seriam responsáveis por criar particularidades para essas categorias aprendidas. Após o momento de aquisição de itens lexicais, as crianças começam a fazer flexões nos substantivos, pois essas são operações menos custosas. Só depois começam a combinar as palavras, sendo guiadas pela ordem canônica de cada língua. No caso do português, sujeito + verbo + objeto.

No que diz respeito à aquisição de regras pragmáticas, que orientam os níveis gramaticais e discursivo, os estudos têm focado sua análise para a investigação da aquisição de pressuposições e atos de fala. Trabalhos dedicados ao estudo das pressuposições propõem que pressupor é admitir a existência de uma informação comum aos interlocutores (STALNAKER, 1972, KARTTUNEN, 1973). Em outras palavras, nessa análise, leva-se em consideração aquilo que é dito pelo falante, a forma linguística que ele escolhe para se expressar, e a informação pressuposta engatilhada por essa escolha. Em uma frase como “Decidi parar de comer carne”, há o pressuposto de que a pessoa comia carne antes, engatilhado pelo verbo “parar”. Da mesma forma, em “Veja o objeto grande”, com estrutura similar à do experimento

que será descrito mais abaixo, há o pressuposto de que esse objeto existe - é único no contexto, o que é engatilhado pelo artigo definido.

Os estudos sobre aquisição têm mostrado que, antes dos cinco anos, as crianças são capazes de processar apenas a informação posta do enunciado, ignorando os elementos pressupostos. A partir dos sete anos, as crianças começam a levar o pressuposto parcialmente em consideração. É só por volta dos dez anos que a criança consegue fazer uma associação plena entre informações postas e pressupostas pelos enunciados (KAIL, 2012). Adotamos, portanto, uma perspectiva incremental de aquisição da linguagem em níveis. Progressivamente, as pressuposições vão se atrelando ao discurso em forma de manipulação da entonação e da ordem dos constituintes e, especialmente, as crianças passam a considerar o ponto de vista do ouvinte na sua produção e interpretação linguísticas.

As considerações feitas nesta seção são relevantes já que as crianças que fizeram parte do experimento encontram-se todas na faixa etária em que as regras de combinação de palavras estão sendo adquiridas e as habilidades pragmáticas estão sendo percebidas, adquiridas e postas em uso. Assim, no que diz respeito à aquisição da classe dos adjetivos, é importante ressaltar o seu papel predicativo ao acompanhar o substantivo sintática e semanticamente. Quando há a expansão vocabular, enquanto os substantivos são utilizados como categorias, os adjetivos são empregados para restringir essas categorias. Ademais, as crianças participantes do experimento estão no momento de aquisição das habilidades pragmáticas e, como se verá, precisam acessá-las para revelar que tiveram uma compreensão plena e puderam responder a tarefa do experimento de forma satisfatória, já que ela foi formulada intencionalmente com o artigo definido, um elemento linguístico que é gatilho pressuposicional, conforme será discutido nas seções seguintes.

3. Experimento em inglês

O experimento que é relatado neste artigo tem por base aquele realizado por Syrett et al. (2005) com falantes nativos de língua inglesa. O experimento em inglês contou com três grupos de crianças de três, quatro e cinco anos e cada grupo era composto de dez participantes. Além disso, participaram do mesmo experimento vinte e quatro adultos falantes nativos de inglês.

O procedimento consistiu em estimular as crianças a jogarem um jogo que se resumia em ajudar um fantoche a aprender a fazer pedidos na língua inglesa. Para isso, os participantes foram informados de que seriam mostrados dois objetos por vez e que, sempre que um par aparecesse, o fantoche pediria alguma coisa. Esses pedidos aconteceram da seguinte maneira: primeiramente, cada pedido foi feito usando a formulação: “por favor, me dê o X”, em que X é o adjetivo alvo. Nota-se que a descrição do pedido sempre vem acompanhada do artigo definido “o” (do inglês *the*) antes do adjetivo. Essa composição do sintagma não foi escolhida ao acaso. A apresentação de um artigo definido com o adjetivo engatilha duas pressuposições nas sentenças em que ocorrem. A primeira delas é a pressuposição de existência. Ao falar “o grande”, por exemplo, pressupõe-se que existe um objeto do par que é grande.

Além disso, há ainda a pressuposição de singularidade, ou seja, ao se pedir “o comprido” espera-se que exista apenas um objeto que satisfaça o pedido no contexto. Em outras palavras, na situação apresentada, o objeto do pedido existe e apenas ele satisfaz a demanda.

Para a tarefa, foram elaborados três tipos de cenários: (i) apenas um objeto do par apresenta a propriedade presente no pedido do fantoche; (ii) os dois objetos apresentam a propriedade solicitada; ou (iii) nenhum dos objetos apresenta a propriedade solicitada.

Os itens experimentais selecionados foram quatro adjetivos graduáveis: dois relativos (*big* ‘grande’ e *long* ‘longo’) e dois absolutos (um de parâmetro mínimo: *spotted* ‘manchado’ e um de parâmetro máximo: *full* ‘cheio’). Esses itens foram comparados com adjetivos de controle (supostamente não graduáveis) referentes a forma (*squared* ‘quadrada’ e *round* ‘redonda’), cor (*red* ‘vermelho’, *yellow* ‘amarelo’ e *blue* ‘azul’) e humor (*happy* ‘feliz’ e *sad* ‘triste’). Um dos problemas que se pode apontar para a seleção dos itens do experimento é o fato de esses últimos adjetivos poderem ser graduáveis. Entretanto, como se verá, no experimento em português, assim como no caso do inglês, eles foram considerados de forma categórica, sem gradação.

O experimento foi constituído, primeiramente, por uma sessão de treinamento na qual cada participante recebeu quatro pares descritos por adjetivos de controle. Dois deles satisfaziam os pressupostos da descrição definida e dois não. Uma vez que os pesquisadores percebiam que o participante estava confortável com a tarefa e poderia aceitar ou, principalmente, rejeitar o pedido do fantoche, eles seguiram para a sessão que apresentava os itens experimentais (8 pares) misturados aos itens de controle (9 pares), totalizando 17 pares. Esta sessão foi elaborada de modo que os adjetivos graduáveis fossem intercalados com adjetivos de controle não graduáveis.

O experimento oferecia três possibilidades de respostas para as crianças: apontar um objeto, os dois objetos ou nenhum objeto do par como resposta. Quando apenas um dos objetos possuía a característica solicitada, não restava dúvida quanto a que tipo de comportamento esperar, ou seja, apenas um objeto do par deveria ser apontado. Quando nenhum objeto do par possuía a característica requerida pelo fantoche, o participante deveria se sentir à vontade para negar o pedido do fantoche, informando que não entregaria nenhum objeto como resposta.

Nos cenários apresentados, havia 4 pares formulados de adjetivos relativos, sendo 2 pares de cubos em que um cubo do par sempre era maior que o outro, apesar de os 4 cubos terem tamanhos diferentes entre si e 2 pares de barras em que uma barra do par sempre era maior que a outra, apesar de as 4 barras terem tamanhos diferentes entre si, além de 4 pares formulados como adjetivos absolutos, sendo 2 pares de contêineres com um par cheio/não cheio e outro par não cheio/menos cheio e 2 conjuntos de discos sendo um par machado/não manchado e outro par manchado/mais manchado. A distribuição das ordens de apresentação foi feita de forma aleatória entre os participantes.

Quanto às hipóteses formuladas, no caso de adjetivos graduáveis relativos, esperava-se que o participante sempre escolhesse um membro do par apresentado. Caso assim procedesse, ficaria claro que o participante seguia a interpretação de que o parâmetro de comparação mudou. Em outras palavras, caso se deparasse com dois cubos de tamanhos diferentes, o participante deveria escolher o maior cubo do par, mesmo que ele não fosse considerado grande em outro contexto. Já no caso dos pares formados a

partir dos adjetivos absolutos, quando são dados dois contêineres em que apenas um está cheio ou dois discos em que apenas um está machado, a escolha é clara, apenas um deles deverá ser apontado pelo participante. No entanto, quando são dados dois contêineres não cheios, ou dois objetos manchados em diferentes medidas, por exemplo, o pedido é considerado infeliz, ou seja, sem resposta. Isso porque as duas pressuposições são violadas, a de singularidade no caso do adjetivo “manchado” e a de existência no caso de “cheio”. Por esse motivo, nesses casos, era esperado que o participante rejeitasse o pedido e não entregasse nenhum objeto do par como resposta. Entretanto, se os participantes entregassem ao fantoche o objeto mais cheio ou mais manchado do par, isso indicaria que eles estão resolvendo o pedido por meio de uma comparação implícita, que é característica dos adjetivos relativos.

O experimento constatou que crianças e adultos foram capazes de aceitar ou rejeitar a solicitação do fantoche de forma adequada nos contextos com pares de controle, com adjetivos não graduáveis e, também, nos contextos com adjetivos graduáveis relativos. As respostas para os pares experimentais de adjetivos absolutos que apresentavam as características de serem manchados também foram dadas conforme previsto. No entanto, as respostas para os pares que apresentaram o adjetivo “cheio” desviaram do padrão de resposta esperado. Os participantes, tanto adultos quanto crianças, apontaram o contêiner cheio quando havia um objeto que estava preenchido até seu limite máximo, porém, com o par no qual havia dois objetos não cheios, mas um mais preenchido que o outro, as crianças apontaram o mais cheio do par como resposta e os adultos responderam que não havia resposta adequada para a demanda.

O experimento realizado com falantes nativos de português, que será explicado nas seções seguintes, procurou não apenas replicar, mas adicionar alguns aperfeiçoamentos que pudemos identificar no desenho do experimento original. Tudo isso com o objetivo de verificar se o entendimento das crianças sobre adjetivos graduáveis é universal. Seguindo Gomes e Sanchez-Mendes (2015), assumimos como ponto de partida que essa divisão é universal na gramática do adulto e que a tipologia dos adjetivos em português é a mesma do inglês. A diferença entre essas línguas se dá, segundo as autoras, em outros fatores envolvidos na gramática da gradação, mas a propriedades lógicas das escalas devem espelhar o mesmo significado lexical para os adjetivos de ambas as línguas segundo essa proposta. Assim, esperamos encontrar no português o mesmo resultado daquele encontrado em inglês.

4. Experimento realizado em português

O experimento em português seguiu o mesmo procedimento do inglês. O quadro a seguir resume as variáveis independentes e dependentes, bem como seus níveis.

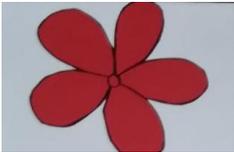
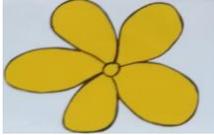
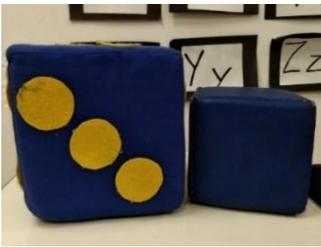
Variáveis independentes	Níveis
Tipo de Adjetivo	Adjetivos relativos
	Adjetivos absolutos
Faixas etárias das crianças	3 anos
	4 anos
	5 anos
Status pragmático do pedido	Feliz
	Infeliz
Variáveis Dependentes	Níveis
Taxa de acerto	Adequado
	Inadequado
Tempo de resposta	Medida cronométrica

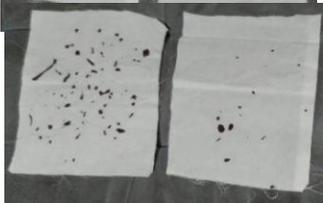
Quadro 1 - Variáveis e níveis.

Fonte: elaboração própria

Destaca-se que, diferentemente do experimento em inglês, o experimento em português foi realizado com pares de objetos reais para apresentar as demandas do fantoche. Isso significa que, cada vez que for dito que a aplicadora do experimento apresentou um par de objetos, esses objetos estão de fato na frente do participante, ou seja, não foram mostradas apenas imagens representativas do objeto quando o que se procurava testar era uma característica como “grande”, “comprido”, “cheio” ou “manchado”. Consideramos que essa estratégia é importante pois pode contribuir para a contextualização da situação que se pretende testar, sobretudo em um experimento que investiga a interação de fatores semânticos e pragmáticos.

Ainda, é importante ressaltar que, nesse experimento, assim como naquele realizado na língua inglesa, foram utilizados adjetivos de humor como distratores. Nos dois experimentos, esses adjetivos foram considerados não graduáveis pois foram representados apenas por propriedades sem gradação. Ou seja, as imagens apresentadas representavam indubitavelmente tristeza, felicidade ou raiva, o que os aproximou dos itens não graduáveis, diferenciando-os dos graduáveis testados. A seguir, são apresentados os materiais utilizados.

Adjetivos testados	Materiais utilizados
Não-graduáveis	
Vermelho	
Azul	
Amarelo	
Feliz	
Triste	
Zangado	
Relativos	
Grande - par 1	
Grande - par 2	
Comprido - par 1	

	
Comprido - par 2	
Absolutos	
Cheio - par 1	
Cheio - par 2	
Manchado - par 1	
Manchado - par 2	

Quadro 2 - Materiais utilizados.

Fonte: elaboração própria

O experimento foi realizado com três grupos de dez crianças cada. Os grupos contavam com crianças de três, quatro e cinco anos. Além disso, o experimento também foi realizado com um grupo de

dez adultos, que serviu como grupo de controle, sendo cinco homens e cinco mulheres com uma média de idade de quarenta e três anos. A aplicação se deu de forma individual com cada um dos participantes, em locais separados, em que um não podia ter acesso à participação do outro.

Diferentemente do experimento em inglês, neste experimento foi feita uma distribuição entre sujeitos (*between-subjects*) e, sendo assim, cada grupo de dez crianças da mesma faixa etária foi dividido em dois grupos de cinco crianças e cada um desses subgrupos teve acesso a apenas um dos tipos de adjetivos graduáveis testados (relativos e absolutos). Essa escolha de condução do experimento foi feita para garantir que os testes para os adjetivos relativos não influenciassem a escolha para os adjetivos absolutos, problema enfrentado pelo experimento original em inglês. Ademais, dessa forma, as crianças não se cansariam com a quantidade de demandas e responderiam a elas de forma mais solícita.

É importante ressaltar que o experimento realizado em língua portuguesa foi feito dentro do ambiente escolar que as crianças frequentavam e com crianças monolíngues que possuíam uma relação de aluno-professora com a aplicadora do experimento. Esse aspecto é relevante pois, como se trata de crianças pequenas, o fato de se sentirem à vontade na realização das demandas faz com que elas estivessem mais aptas a responder de forma colaborativa. O ambiente conhecido e a relação de segurança e confiança estabelecida previamente com um adulto responsável por elas no dia a dia escolar fez com que o experimento pudesse fluir sem tensões. Por outro lado, também é importante notar que o fato de a aplicadora conhecer cada uma das crianças previamente à realização do experimento também contribuiu para que os resultados possam ser analisados de forma mais sensível.

No que diz respeito à ordem de aparição dos itens experimentais na sequência, o experimento em português tentou mitigar um problema enfrentado pelo experimento em inglês. Nesse último, o comportamento das crianças variou dependendo da localização do par com o adjetivo “cheio” na sequência recebida. Toda criança que foi exposta ao par não cheio/menos cheio no início da sequência de pares de objetos, deu ao fantoche o mais cheio dos dois quando ele solicitou que fosse entregue o cheio. As crianças que viram esse par muito mais tarde na sequência, crucialmente depois de verem o par cheio/não cheio, tiveram maior probabilidade de rejeitar o pedido e, quando apresentadas a dois contêineres não preenchidos até o limite, responderam que não havia um completamente cheio (10 crianças rejeitaram, enquanto 5 aceitaram). Por esse motivo, o experimento em inglês contou com uma nova rodada de perguntas com a ordem alterada. No experimento em português, a ordem dos itens foi previamente calculada para não apresentar esse tipo de influência, tendo sido mostrada aos participantes de acordo com os quadros abaixo:

Adjetivos de controle para a sessão de treinamento	Estímulo	Status Pragmático do pedido
Vermelho	Um desenho de flor vermelha e outro de flor azul	Feliz
Vermelho	Um desenho de flor vermelha e de flor outro amarela	Feliz
Vermelho	2 desenhos, cada um com uma flor azul	Infeliz (viola pressuposição de existência)
Azul	2 desenhos, cada um com uma flor azul	Infeliz (viola pressuposição de singularidade)

Quadro 3 - Pares da rodada de treinamento.

Fonte: elaboração própria

Adjetivos	Estímulo	Status Pragmático do pedido
Grande	2 dados grandes, um maior que o outro	Feliz
Triste	2 desenhos, cada um com uma carinha triste	Infeliz (viola pressuposição de singularidade)
Comprido	2 lápis compridos, um mais comprido que o outro	Feliz
Feliz	2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha zangada	Feliz
Grande	2 dados pequenos, um maior que o outro	Feliz
Feliz	2 desenhos, cada um com uma carinha triste	Infeliz (viola pressuposição de existência)
Comprido	2 lápis curtos, um mais curto que o outro	Feliz
Feliz	2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha triste	Feliz

Quadro 4 - Pares da rodada de teste dos adjetivos relativos.

Fonte: elaboração própria

Adjetivos	Estímulo	Status Pragmático do pedido
Cheio	2 copos, nenhum deles está cheio, um está mais cheio que o outro	Infeliz (viola pressuposição de existência)
Feliz	2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha triste	Feliz
Manchado	2 panos, um com algumas manchas e o outro sem nenhuma	Feliz
Triste	2 desenhos, cada um com uma carinha triste	Infeliz (viola pressuposição de singularidade)
Cheio	2 copos, um cheio e outro 2/3 cheio	Feliz
Feliz	2 desenhos, cada um com uma carinha triste	Infeliz (viola pressuposição de existência)
Manchado	2 panos, um com algumas manchas e outro com mais manchas	Infeliz (viola pressuposição de singularidade)
Feliz	2 desenhos, um com uma carinha feliz e outro com uma carinha zangada	Feliz

Quadro 5 - Pares da rodada de teste dos adjetivos absolutos.

Fonte: elaboração própria

Na próxima seção, apresentam-se os resultados do experimento, com uma análise descritiva dos dados obtidos.

5. Resultados

No que diz respeito aos pares de adjetivos não graduáveis da rodada de treinamento, é importante salientar que nem crianças nem adultos tiveram dúvidas ou hesitação ao responder à demanda, apresentando o comportamento esperado em relação às respostas felizes e infelizes. Em outras palavras, todos os participantes entenderam a dinâmica do experimento e as opções de respostas ficaram claras antes que os itens experimentais fossem testados.

Quanto aos adjetivos graduáveis relativos, os resultados foram bem próximos daqueles previstos. Isso porque todos os participantes, independente da faixa etária, analisaram os pares de objetos aplicando uma lógica de comparação implícita, ou seja, ao ouvir o pedido “Por favor, me dê o grande”, o participante escolhia o maior objeto dentre os dois apresentados naquela situação específica. No momento em que a situação mudava, e os pares apresentados eram formados por objetos diversos, o parâmetro de comparação também se modificava. Para os adjetivos que serviram como distratores, as respostas foram parecidas com aquelas dadas para os adjetivos da rodada de treinamento, não apresentando comportamento contrário ao esperado. Esses resultados ficam claros a partir do quadro a seguir:

Idade	3 anos		4 anos		5 anos		Adultos	
Status do Pedido	Resp. Adeq.	Resp. Inadeq.						
Feliz	20	0	20	0	20	0	40	0

Quadro 6 - Resultado para os adjetivos graduáveis relativos.

Fonte: elaboração própria

Para os pares de objetos manchados, os adultos e as crianças, independentemente da idade, entregaram o manchado para a situação de objetos manchado/não manchado e, na situação em que deveriam escolher entre os objetos manchado/mais manchado ainda, eles, entregaram, em sua maioria, os dois objetos do par como resposta, o que é considerada uma resposta adequada já que não atende ao pedido do fantoche conforme formulado. No entanto, as crianças de cinco anos se mostraram bem questionadoras antes de, de fato, escolher a resposta nessa situação. Comentários do tipo “Mas qual manchado? Esse ou esse? Aqui tem dois manchados, então vou te entregar os dois.” mostram que as crianças não ignoraram a pressuposição de singularidade trazida pelo uso do artigo definido, pelo contrário, elas tinham ciência desse significado complexo e faziam questão de informar que estavam violando-a para não deixar o fantoche sem resposta.

No entanto, o mesmo raciocínio não aconteceu para a escolha dos objetos que testavam o adjetivo “cheio”. Para o par em que eram apresentados dois copos, um preenchido até o limite máximo e o outro não preenchido completamente, não havia dúvidas nem hesitações quanto à entrega do copo totalmente preenchido para a demanda “Por favor, me dê o cheio.” Contudo, para o par em que um copo não estava preenchido até seu limite máximo e o outro copo estava menos preenchido ainda, as crianças, independentemente da idade, apresentavam o copo mais cheio como resposta à demanda. Vale

ressaltar que quatro dos dez adultos tiveram o mesmo comportamento. O quadro com o resultado dos adjetivos absolutos vem a seguir:

Idade	3 anos		4 anos		5 anos		Adultos	
	Resp. Adeq.	Resp. Inadeq.						
Feliz	10	0	10	0	10	0	20	0
Infeliz (Viola pres. de existência)	0	5	0	5	0	5	6	4
Infeliz (Viola pres. de singularidade)	4	1	3	2	5	0	10	0

Quadro 7. Resultado para os adjetivos graduáveis absolutos.
Fonte: elaboração própria

No entanto, a entrega do copo mais cheio do par não se deu sem hesitações. Do total de quinze crianças testadas, da faixa etária entre três e cinco anos, oito entregaram o copo mais preenchido do par proferindo ressalvas verbais tais como “Você quer o mais cheio?” “Esse daqui tá cheio?” (se referindo ao mais preenchido do par). Por esse motivo, consideramos necessário observar a influência de uma nova variável dependente: o tempo que os participantes levaram para apontar um objeto como resposta nessa situação específica em comparação às demais. O quadro a seguir resume as informações sobre o tempo de respostas dos participantes em relação a cada um dos adjetivos testados:

Condições	Itens de controle			Relativos			Absoluto de parâmetro mínimo “manchado”			Absoluto de parâmetro máximo “cheio”		
	3	4	5	3	4	5	3	4	5	3	4	5
Tempo por idade	726	656	748	670	617	635	937	1640	1080	2120	2790	3455
Tempo por tipo de adjetivo	710			641			1219			2788		

Quadro 8 - Tempo de resposta por condição da variável tipo de adjetivo em milissegundos.
Fonte: elaboração própria

Os dados mostram que o adjetivo “cheio” apresentou um tempo muito maior de resposta do que os demais, principalmente se comparado com os adjetivos relativos. Ainda, os itens de controle também foram medidos e seus tempos de resposta foram muito próximos daqueles obtidos a partir das respostas dos relativos, o que faz com que se chegue à conclusão de que, provavelmente, a mesma

lógica utilizada para os relativos foi utilizada para os itens de controle, mas a lógica utilizada para o absoluto de parâmetro máximo parece ser realmente distinta. Esses resultados apontam para uma reflexão que será elaborada mais profundamente na próxima seção.

6. Discussão

Esta seção pretende apresentar uma reflexão qualitativa dos dados obtidos no experimento reportado neste artigo. Vamos explorar algumas implicações teóricas importantes que podem ser desenhadas a partir do comportamento de crianças e adultos retratado na última seção. Por uma perspectiva semântica, ou seja, levando-se em consideração a variável independente dos tipos de adjetivos testados, foi visto que, assim como a hipótese de pesquisa previa, os adjetivos graduáveis relativos são usados por crianças e adultos por meio de uma comparação implícita. Dessa forma, ficou claro que a semântica desses adjetivos apresenta um parâmetro implícito que permite comparar dois objetos e escolher o que possui o maior grau da propriedade requisitada. Isso só é possível porque, como discutido anteriormente, uma sentença com adjetivo que tem parâmetro variável de acordo com o contexto apresenta vagueza.

Por outro lado, a análise e interpretação dos dados obtidos com os adjetivos absolutos não é assim tão homogênea. É preciso separar os dois tipos de adjetivos absolutos que foram testados. O adjetivo “manchado” é um adjetivo graduável absoluto de parâmetro mínimo. Isso quer dizer que basta que o objeto tenha um grau de sua propriedade diferente de zero para que se possa considerar que ele possui a propriedade. Em se tratando de escalas, um adjetivo absoluto de parâmetro mínimo possui apenas uma extremidade fechada e essa extremidade é uma comparação de igualdade, ou seja, um objeto limpo (ou não manchado), é aquele que tem um grau de manchas igual a zero. A extremidade da escala que está aberta é interpretada, em contrapartida, como qualquer grau de manchas diferente de zero. Sendo assim, um objeto que não está limpo, está manchado, seja qual for a quantidade de manchas que possui. Esses conceitos ajudam a entender por que, quando se pedia que os participantes entregassem o objeto manchado do par, eles, em sua maioria, apresentavam os dois objetos que possuíam manchas, seja aquele que possuía muitas manchas ou poucas manchas, mas nunca o totalmente limpo e também nunca o mais manchado. Dessa forma, o comportamento dos participantes refletiu diretamente o que se espera a partir das propriedades semânticas de um adjetivo como esse.

Em contrapartida, as crianças utilizaram uma lógica não prevista pela semântica para julgar os itens apresentados no par não cheio/menos cheio, já que entregavam o copo mais preenchido do par como resposta. Como visto na teoria, do ponto de vista lógico, para ser considerado cheio, um recipiente precisa atingir o grau máximo da propriedade de ocupação. Qualquer recipiente que não atinja o grau máximo não poderia ser considerado como cheio. Teoricamente, a escala associada a “cheio” e “vazio” tem pontos colocados em extremidades opostas e fechadas. É por esse motivo que não há que se falar em procurar o grau de comparação desses adjetivos no contexto. Eles são dados pelas extremidades fechadas das escalas.

Em uma análise mais superficial, entretanto, o que parece é que as crianças utilizaram a lógica semântica da comparação implícita para analisar a situação do par não cheio/menos cheio, já que compararam os dois objetos e se decidiram por escolher, como resposta, aquele mais preenchido do par, ou seja, o que possuía o maior grau da propriedade. Em um primeiro momento, pode-se admitir que as crianças estão, por algum motivo, retirando do contexto, a interpretação do que consideram cheio e admitindo uma certa vagueza nesse adjetivo.

Uma análise mais acurada da situação revela que esse não foi o caso. O que se observa, na verdade, é que as crianças admitiam uma certa imprecisão quando elegiam um dos recipientes como resposta para o fantoche. Isso porque, caso estivessem fazendo uma comparação implícita entre os dois objetos apresentados, o tempo de resposta seria parecido com aquele verificado para os pares de adjetivos relativos. No entanto, o que se percebeu foi que o tempo de resposta para o par não cheio/menos cheio foi bem maior que para qualquer outro par testado, o que demonstra, claramente, que houve maior hesitação, por parte das crianças, ao apresentar o recipiente mais cheio como resposta. Essa resposta imprecisa após um tempo maior de análise pode ser definida como uma tolerância admitida para resolver diferenças mínimas em uma determinada situação. Esse parece ser exatamente o caso da demanda do experimento, já que o copo apresentado como o cheio pelas crianças estava $3/4$ preenchido, ou seja, faltava relativamente pouco espaço até que ele atingisse seu nível máximo de preenchimento e, mesmo assim, foi escolhido como a resposta para o pedido “Por favor, me dê o cheio”.

Alguém poderia supor que essa latência tem potencial para ser derivada justamente da reinterpretação coercitiva do adjetivo absoluto como relativo, mas essa hipótese estaria em desacordo tanto com a teoria quanto com o comportamento observado. Do ponto de vista da Semântica Escalar, como vimos, adjetivos absolutos possuem a propriedade da imprecisão, enquanto adjetivos relativos possuem a propriedade da vagueza. Ademais, o comportamento dos participantes indica que eles estavam recalibrando seu conceito do que pode ser considerado cheio para tolerar o copo com $3/4$ de preenchimento do que comparando-o com o outro do contexto para escolher o mais cheio. Isso pôde ser detectado pelas frases apresentadas nos momentos de hesitação.

Esse mesmo tipo de tolerância na interpretação também é observado em outras situações cotidianas com as quais nos deparamos. É comum, por exemplo, que se considere que uma pessoa chegou às 16h, ao encontro marcado, mesmo que o horário exato de sua chegada tenha sido 16h03. É evidente que a quantidade de imprecisão tolerada também pode variar em diferentes contextos. Em um laboratório, onde se lidam com quantidades exatas, um milímetro a mais ou a menos de determinada substância ou um minuto a mais de uma substância no aquecedor pode fazer toda a diferença nos resultados e, sendo assim, dificilmente será tolerada muita imprecisão. Já que toda essa análise sobre o adjetivo “cheio” leva em consideração aspectos sociais, podemos dizer que a interpretação utilizada pelos participantes do experimento para analisar o pedido do fantoche associa os aspectos semânticos e pragmáticos. Assim, do ponto de vista semântico, adjetivos como esse podem apresentar certa tolerância por conta da propriedade da imprecisão.

Assumimos que, do ponto de vista pragmático, os participantes aumentaram essa tolerância para obedecer ao Princípio de Cooperação (Grice, 1975) e atender o pedido do fantoche. Grice (1975)

formulou princípios gerais que regem a conversação e descreveu esses esforços por meio de máximas conversacionais: quantidade, qualidade, relação e maneira. A ideia geral é que, em qualquer situação comunicativa, os falantes estejam, a princípio cumprindo essas máximas. Ignorar ou violar as máximas têm um significado, que é analisado pro meio das implicaturas. No nosso caso específico, consideramos que o contexto de conversação entre o fantoche as crianças contribui para que as crianças entendam que o fantoche está sendo maximamente cooperativo, ou seja, não há espaço para desconfiança. Então, quando o fantoche diz “Por favor, me dê o cheio”, os participantes não têm motivos para considerar que ele possa estar mentindo (violando a máxima de qualidade), mesmo em contextos em que não há nenhum copo completamente cheio. Nesses casos, elas consideram pegar aquele objeto que se aproxime mais da descrição dada, num empenho para não deixar o fantoche sem resposta.

Sendo assim, pode-se concluir que os adjetivos graduáveis relativos contam com a semântica para direcionar o cálculo da comparação implícita, já que são vagos e devem buscar no contexto o valor de seu parâmetro de comparação. Já os de grau mínimo também contam com avaliação baseada na semântica, mas de outra forma. Nesses, qualquer objeto com valor diferente de zero pôde ser considerado como possuidor da denotação do adjetivo. Já os adjetivos graduáveis absolutos de parâmetro máximo têm um parâmetro de comparação lexical, mas que pode apresentar maior ou menor tolerância, dependendo do contexto. Em situações reais, em um laboratório, ou para uma receita de confeitaria, por exemplo, um copo com 3/4 de ocupação dificilmente seria selecionado como cheio. Neste caso em que havia copos com água e um fantoche simpático numa sala de aula, a tolerância pareceu se ampliar. Entretanto, a propriedade semântica do adjetivo não deixou de estar presente, já que a escolha não se deu sem hesitação e certo protesto.

Neste caso, então, temos uma divisão de trabalho entre a semântica e a pragmática. A semântica estabelece o parâmetro e a pragmática estabelece o quão longe o grau da propriedade pode estar desse parâmetro e, ainda assim, o objeto poder receber a denotação do adjetivo. Apesar de semântica e pragmática influenciarem na interpretação desses adjetivos, o princípio da Economia Interpretativa de Kennedy (2007), conforme formulado abaixo, garante que o parâmetro de comparação lexical, fixado pelas escalas fechadas dos adjetivos absolutos têm prioridade na interpretação, em comparação com o contexto de uso.

(5) Economia Interpretativa: Maximize a contribuição do significado convencional dos elementos da sentença para a computação das condições de verdade.²

(Kennedy, 2007, p. 36)

A proposta é de que, então, os falantes, diante de uma expressão com adjetivo absoluto de parâmetro máximo como “copo cheio”, maximizem a interpretação literal (semântica) e busquem

² Tradução nossa para: “Maximize the contribution of the conventional meanings of the elements of a sentence to the computation of its truth conditions.”

inicialmente um copo maximamente cheio. Apenas na ausência de um elemento que satisfaça as condições de verdade, informações contextuais podem ser utilizadas como um “último recurso” na interpretação desses adjetivos (KENNEDY e LEVIN, 2008, p. 14 e 15).

7. Considerações finais

Os resultados encontrados com esse experimento não são taxativos. Assim como qualquer dado científico, estão aptos a serem replicados e aprimorados. O que se procurou foi discutir, de forma inédita, o tema da aquisição dos diferentes tipos de adjetivos em português brasileiro assumindo que sua tipologia é um universal semântico, assumindo Gomes e Sanchez-Mendes (2015) justamente na comparação de dados inglês com dados do português brasileiro. Vimos que os resultados obtidos até o momento indicam que sim, adjetivos não graduáveis são de fácil resolução em tarefas de escolha como a empregada nos experimentos reportados neste artigo, assim como adjetivos graduáveis relativos apresentam mudança do parâmetro de comparação de forma fácil. Entretanto, vimos que a diferença entre ter um parâmetro contextual e lexical revela mudanças no comportamento para responder à demanda, o que indica uma diferença, de fato, em sua denotação. A escolha de dois objetos para atender uma demanda que pedia apenas um mostrou, na prática, como os falantes interpretam adjetivos absolutos de parâmetro mínimo como “manchado” e a escolha de um elemento com $\frac{3}{4}$ de preenchimento para representar o adjetivo “cheio” acompanhado de protestos e hesitações demonstrou a execução de um processamento que associa informações semântica e pragmáticas.

Além da contribuição original para os estudos do processamento do significado, esta pesquisa procura contribuir para os estudos em aquisição da linguagem, uma vez que mostra alguns caminhos pelos quais a aquisição dos adjetivos pode acontecer, levando-se em consideração conceitos gramaticais que levam em conta propriedades semânticas e pragmáticas.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2186.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2186.A>

Editora

Marianne C. B. Cavalcante

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Instituição: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Instituição: Université Sorbonne Nouvelle

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Renata Fonseca da Fonte

Afiliação: Universidade Católica de Pernambuco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3407-4409>

Avaliador 2: Marlete Diedrich

Afiliação: Universidade de Passo Fundo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9177-089X>

AVALIADORA 1

O artigo discute um objeto de estudo relevante para o campo da aquisição da linguagem e o texto apresentado está adequado ao formato relato de pesquisa. O título “Aquisição de adjetivos graduáveis no Português Brasileiro” é o mesmo da dissertação de mestrado defendida em 2023 e apresenta uma visão geral do trabalho. Para publicação, sugere-se repensar o título a partir da proposta de discussão apresentada, contemplando os participantes e o tipo de estudo que envolveu uma pesquisa experimental. Os resultados apresentam considerações sobre os adjetivos graduáveis e os não graduáveis, mas o título contempla apenas os graduáveis.

Em relação ao resumo, o objetivo foi redigido com clareza. Neste item, é relevante a inclusão de algumas informações metodológicas, incluindo o quantitativo de crianças participantes, especificando os pares dos objetos apresentados, os adjetivos relativos e os absolutos selecionados para o teste, bem como o instrumento usado para a coleta dos dados obtidos. Além disso, recomenda-se incluir a

relevância do tema investigado para os estudos da aquisição da linguagem, o foco temático do número proposto pela Revista da ABRALIN.

Na introdução, faltou referenciar autores referentes às perspectivas e estudos mencionados. Por exemplo, para respaldo teórico, é relevante citar autores/pesquisas nas afirmações: (i) “O adjetivo é uma classe de palavras presente nos estudos tradicionais de gramática...”; (ii) “Por uma perspectiva sintática” (introdução, p. 2). Observar os parágrafos que não foram referenciados. Deixar mais clara a perspectiva teórica norteadora do estudo proposto e sua justificativa, pois dois campos são mencionados, como a Psicolinguística e a Semântica Formal e observa-se a afirmação de que o estudo irá se filiar neles, mas o enfoque teórico volta-se para a Semântica Formal. Logo, é relevante deixar claro o enfoque da perspectiva Psicolinguística no estudo, justificando-se a adoção e articulação dos campos mencionados.

Para maior articulação teórica, é fundamental fazer referências aos estudos que defendem concepções apresentadas no texto. Por exemplo, na afirmação: “Ao passar pelo processo de aquisição de uma língua, a criança desenvolve uma gramática a partir de um dispositivo para a aquisição que é inato e adquire regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que compõem sua gramática” (p. 7), é importante situar a perspectiva teórica que defende essa concepção do processo aquisicional e posicionar-se diante dela. O estudo proposto compartilha da mesma concepção? Além disso, é relevante citar trabalhos e estudos referentes aos trechos: (i) “Trabalhos dedicados ao estudo das pressuposições propõem que pressupor é admitir a existência de uma informação comum aos interlocutores” (p. 8); (ii) “Os estudos sobre aquisição têm mostrado que, antes dos cinco anos, as crianças são capazes de processar apenas a informação posta do enunciado, ignorando os elementos pressupostos” (p. 8).

No artigo, o Princípio de Cooperação (Grice, 1975) e princípio da Economia Interpretativa de Kennedy (2007) foram trazidos na discussão dos resultados, para maior articulação e aprofundamento entre teoria e discussão dos dados, sugere-se a abordagem e o aprofundamento dos princípios na discussão teórica. Além disso, é interessante esclarecer no texto o que se entende e se considera por aquisição linguística completa.

Em relação ao método, sugere-se apresentar as informações a partir de subdivisões, incluindo tipo de estudo, local da pesquisa, participantes, materiais utilizados, critérios de seleção dos adjetivos para o teste, procedimentos de coleta de dados no grupo de crianças e no grupo de adultos e critérios adotados para a análise dos resultados.

Na discussão dos resultados, sugere-se um maior diálogo com a fundamentação teórica, relacionando conceitos e processos discutidos sobre o tema com os dados obtidos no estudo. Neste tópico, é relevante explicitar as implicações teóricas que considera importantes com base nos comportamentos observáveis das crianças e dos adultos.

Nas considerações finais, é mencionado que a tipologia dos adjetivos é um universal semântico. É interessante explicar o que isso significa. Recomenda-se uma revisão final das citações para adequá-las às normas da Revista. Diante da relevância temática do artigo, recomenda-se o artigo para publicação após ajustes.

AVALIADOR 2

Título, resumo, introdução, referencial teórico, metodologia e resultados são apresentados de modo coerente e apropriado. O tema do artigo é atual, importante para o universo das pesquisas em Aquisição da Linguagem e muito bem situado teoricamente e metodologicamente.

Alguns apontamentos, no entanto, no intuito de qualificar a proposta, são registrados a seguir:

1 Por mais que o artigo esteja muito bem escrito, ainda há poucos casos de concordância, orgfani-zação siintática do período e um ou outro de digitação que merecem atenção.

2 Quanto ao conteúdo:

2.1 Na Introdução, ao discutir o enfoque sintático em geral recebido pelo adjetivo, o artigo traz a seguinte afirmação: “Essa escolha pode ter relação com a visão de língua adotada pela gramática, e também pela linguística, que enfoca mais aspectos formais e menos aspectos do significado.” Acredito esclarecer de que linguística se está falando, uma vez que partimos do princípio de que há, nos limites da linguística, diferentes enfoques para os mesmos fenômenos.

2.2 Na seção 1. Semântica Escalar nos estudos dos adjetivos

Há a afirmação: “É importante notar que o preço do café não mudou, apenas o que é considerado caro sofre interferência de acordo com o contexto.” Sugiro explicitar o que se está entendendo como contexto, dado o amplo e variado uso deste termo.

Na mesma seção, há um breve comentário sobre a temática abordada dizer respeito ao “compor-tamento humano em suas decisões econômicas”. Acredito que a questão mereça uma melhor elucidac-ção e esclarecimento acerca do alcance da Semântica e sua relação com questões desta natureza.

Na seção 2. Aspectos Semânticos e Pragmáticos da Aquisição de Linguagem, ao abordar a aquisi-ção, o artigo faz parecer que a aquisição é uma primeira etapa e o uso é subsequente. Sugiro rever o modo de dizer e também explicitar o ponto de vista aquisicional a partir do qual se fala.

Na mesma seção (2), ao falar de estudos acerca com crianças com menos de 5 anos, com dez anos, parece haver uma generalização dos estudos sobre aquisição, o que, metodologicamente, não é aconselhável. Sugiro precisão maior ao citar os estudos nos quais se apoia, deixando claro que se trata de uma corrente ou um ponto de vista em meio a tantos outros.

Por fim, destaco que, como se deixa explícito na seção Considerações finais, a pesquisa contribui para os estudos de aquisição da linguagem. Representa um estudo muito bem conduzido.

RESPOSTA DOS AUTORES

O artigo discute um objeto de estudo relevante para o campo da aquisição da linguagem e o texto apresentado está adequado ao formato relato de pesquisa. O título “Aquisição de adjetivos graduáveis no Português Brasileiro” é o mesmo da dissertação de mestrado defendida em 2023 e apresenta uma visão geral do trabalho. Para publicação, sugere-se repensar o título a partir da proposta de discussão apresentada, contemplando os participantes e o tipo de estudo que envolveu uma pesquisa

experimental. Os resultados apresentam considerações sobre os adjetivos graduáveis e os não graduáveis, mas o título contempla apenas os graduáveis.

Resposta das autoras: Entendemos a sugestão, mas os adjetivos não graduáveis foram usados apenas como controle, eles não são o foco do estudo. De toda forma, acolhemos a sugestão da parecerista e modificamos para **“AQUISIÇÃO DE ADJETIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPERIMENTAL”**

Em relação ao resumo, o objetivo foi redigido com clareza. Neste item, é relevante a inclusão de algumas informações metodológicas, incluindo o quantitativo de crianças participantes, especificando os pares dos objetos apresentados, os adjetivos relativos e os absolutos selecionados para o teste, bem como o instrumento usado para a coleta dos dados obtidos. Além disso, recomenda-se incluir a relevância do tema investigado para os estudos da aquisição da linguagem, o foco temático do número proposto pela Revista da ABRALIN.

Resposta das autoras: Agradecemos as sugestões. Elas foram acolhidas e estão marcadas na versão anotada do manuscrito.

Na introdução, faltou referenciar autores referentes às perspectivas e estudos mencionados. Por exemplo, para respaldo teórico, é relevante citar autores/pesquisas nas afirmações: (i) “ O adjetivo é uma classe de palavras presente nos estudos tradicionais de gramática...” ; (ii) “Por uma perspectiva sintática” (introdução, p. 2). Observar os parágrafos que não foram referenciados. Deixar mais clara a perspectiva teórica norteadora do estudo proposto e sua justificativa, pois dois campos são mencionados, como a Psicolinguística e a Semântica Formal e observa-se a afirmação de que o estudo irá se filiar neles, mas o enfoque teórico volta-se para a Semântica Formal. Logo, é relevante deixar claro o enfoque da perspectiva Psicolinguística no estudo, justificando-se a adoção e articulação dos campos mencionados.

Resposta das autoras:

Referências deixadas para os itens (i) e (ii):

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.

Tentamos deixar a articulação entre Psicolinguística e Semântica Formal mais clara nessa nova versão do manuscrito.

Para maior articulação teórica, é fundamental fazer referências aos estudos que defendem concepções apresentadas no texto. Por exemplo, na afirmação: “Ao passar pelo processo de aquisição de uma língua, a criança desenvolve uma gramática a partir de um dispositivo para a aquisição que é inato e adquire regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que compõem sua gramática” (p. 7), é importante situar a perspectiva teórica que defende essa concepção do processo aquisicional e posicionar-se diante dela. O estudo proposto compartilha da mesma concepção? Além disso, é relevante citar trabalhos e estudos referentes aos trechos: (i) “Trabalhos dedicados ao estudo das pressuposições propõem que pressupor é admitir a existência de uma informação comum aos interlocutores” (p. 8); (ii) “Os estudos sobre aquisição têm mostrado que, antes dos cinco anos, as crianças são capazes de processar apenas a informação posta do enunciado, ignorando os elementos pressupostos” (p. 8).

Resposta das autoras:

Incorporamos as seguintes referências:

Trecho 1 (sobre concepção de aquisição):

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Berlim e Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1957.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. Nova Iorque: John Wiley, 1967.

Trecho 2 (sobre pressuposição):

KARTTUNEN, L. Presuppositions of Compound Sentences. **Linguistic Inquiry** 4, p. 167–193, 1973.

STALNAKER, R. Presuppositions. **The Journal of Philosophical Logic** 2, p. 447–457, 1973.

Trecho 3 (sobre aquisição de pressuposição – nossa maior referência no momento é o livro de Michèle Kail).

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2012.

Estamos cientes de que precisamos atualizar nossas leituras sobre o tema e agradecemos pelo alerta da parecerista. Mas aproveitamos o trecho para esclarecer o ponto de vista de adotado, conforme indicado pelo comentário.

No artigo, o Princípio de Cooperação (Grice, 1975) e princípio da Economia Interpretativa de Kennedy (2007) foram trazidos na discussão dos resultados, para maior articulação e aprofundamento entre teoria e discussão dos dados, sugere-se a abordagem e o aprofundamento dos princípios na discussão teórica. Além disso, é interessante esclarecer no texto o que se entende e se considera por aquisição linguística completa.

Resposta das autoras: Inserimos um parágrafo sobre Grice explicitando de que forma as regras do Princípio de Cooperação ajudam a explicar o comportamento observado. Fizemos o mesmo com o

Princípio de Economia de Kennedy. A questão da aquisição linguística foi revista e explicada (no início da seção 2 Aspectos Semânticos e Pragmáticos da Aquisição de Linguagem).

Em relação ao método, sugere-se apresentar as informações a partir de subdivisões, incluindo tipo de estudo, local da pesquisa, participantes, materiais utilizados, critérios de seleção dos adjetivos para o teste, procedimentos de coleta de dados no grupo de crianças e no grupo de adultos e critérios adotados para a análise dos resultados.

Resposta das autoras:

Entendemos que essa é a forma usual de apresentação. Entretanto, como, nesse caso, trata-se de um aperfeiçoamento e replicação de um experimento que foi conduzido em inglês e aparece descrito em apenas uma seção do artigo e devido a limitações de espaço, mantivemos a apresentação da forma original.

Na discussão dos resultados, sugere-se um maior diálogo com a fundamentação teórica, relacionando conceitos e processos discutidos sobre o tema com os dados obtidos no estudo. Neste tópico, é relevante explicitar as implicações teóricas que considera importantes com base nos comportamentos observáveis das crianças e dos adultos.

Nas considerações finais, é mencionado que a tipologia dos adjetivos é um universal semântico. É interessante explicar o que isso significa. Recomenda-se uma revisão final das citações para adequá-las às normas da Revista. Diante da relevância temática do artigo, recomenda-se o artigo para publicação após ajustes.

Resposta das autoras:

Retomamos a reflexão de Gomes e Sanchez-Mendes (2015) discutida no final da seção 3 sobre o experimento em inglês, trecho que introduz a seção sobre o experimento em português.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todos os itens selecionados para o experimento bem como seus resultados estão disponibilizados no texto do artigo.

Fontes de financiamento

O experimento foi realizado durante uma pesquisa de mestrado financiada pela CAPES (Processo 88887.605759-2021-00). Essa pesquisa faz parte de um projeto de pesquisa maior da orientadora financiada pelo CNPq (Bolsa de Produtividade Processo 307182/2021-5 e pela Faperj (Bolsa JCNE Processo E-26/200.208/2023).

REFERÊNCIAS

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Eds.), **Syntax and Semantics, Vol. 3, Speech**. New York: Academic Press, 1975, p. 41- 58.

GOMES, A. Q.; SANCHEZ-MENDES, L. **Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana**. REVEL, edição especial n. 9, 2015.

GOMES, A. Q.; SANCHEZ-MENDES, L. **Para conhecer: Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2012.

KARTTUNEN, L. Presuppositions of Compound Sentences. **Linguistic Inquiry** 4, p. 167-193, 1973.

KENNEDY, C. **Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives**. Chicago, 2007.

KENNEDY, C., & LEVIN, B. Measure of change: The adjectival core of degree achievements. **Adjectives and Adverbs**. Chicago, 2008.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. **Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates**. *Language* 81, n.2, p. 345-381, 2005.

LASERSOHN, P. Pragmatic halos. **Language** 75, p. 522-551, 1999. LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. Nova Iorque: John Wiley, 1967.

STALNAKER, R. Presuppositions. **The Journal of Philosophical Logic** 2, p. 447-457, 1973.

SYRETT et al. **Shifting Standards: Children's Understanding of Gradable Adjectives**. 2005.